

OS UCRANIANOS JÁ TÊM UMA LONGA TRADIÇÃO DE RESISTÊNCIA CONTRA OS RUSSOS

Por Fernando Montenegro*



O Exército Insurgente Ucraniano foi um dos poucos movimentos clandestinos na Segunda Guerra Mundial a lutar contra o Eixo e os Aliados (Military History Now).

Grupo ucraniano foi um dos movimentos de resistência mais peculiares da Segunda Guerra Mundial, pois não recebeu apoio dos Aliados e lutou contra soviéticos e nazistas.

A pesar dos laços históricos de formação entre a Rússia, a Bielorrússia e a Ucrânia que remontam ao século IX, na história moderna há vários motivos para que exista um forte ressentimento de ucranianos em relação aos russos.

Logo após a criação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, liderada pela Rússia, Vladimir Lênin tomou a iniciativa de reconhecer a Ucrânia como uma nação “autônoma” e soberana. Após a sua morte, surgiram iniciativas que visavam libertar a Ucrânia da submissão ao poder central, que passou a ser exercido por Josef Stalin a partir de Moscou. As iniciativas do ditador Stalin para reprimir os rebeldes foram proibir a utilização do idioma ucraniano, realizar o confisco da produção de alimentos, rejeitar ajuda externa e controlar o movimento populacional.

Como resultado, estima-se que tenham morrido de fome, entre 1932 e 1933, até 10 milhões de pessoas, mesmo estando em tempo de paz. Esse acontecimento é considerado como genocídio por vários países e ficou conhecido como Holodomor, que em ucraniano, significa “matar pela fome”.

A partir de 1942, durante a II Guerra Mundial, com a invasão da União Soviética pelos nazistas, foram criadas condições favoráveis para o surgimento de uma guerra irregular que podemos enquadrar na tipologia de guerra de resistência. Autodenominado como Exército Insurgente da Ucrânia, esse movimento ficou mais conhecido como UPA, abreviatura de *Ukrayins'ka Povstans'ka Armiya*.

O objetivo dessa força irregular era defender as populações ucranianas que já haviam sido massacradas pelos soviéticos na década anterior e passou também a sofrer com a ocupação dos nazistas e hostilidades da resistência polaca. Eles faziam questão de se diferenciar dos “Partisans” soviéticos que combatiam os nazistas usando o termo “Povstanti”, cujo significado é insurgente. Com a rendição do III Reich, a UPA prosseguiu combatendo contra a União Soviética. Didaticamente, podemos dizer que a UPA era composta por três segmentos distintos: a Força de Guerrilha, a Força Subterrânea e a Força de Sustentação.

- A **Força de Guerrilha** da UPA, braço armado ostensivo e militarmente organizado, operava principalmente na região dos Montes Cárpatos e no Oeste da Ucrânia. Seus integrantes eram normalmente camponeses comprometidos com a causa e que conheciam bem o terreno. O planejamento das operações era normalmente centralizado e a execução ocorria de forma descentralizada, valendo-se dos princípios da oportunidade e flexibilidade. Devido à inferioridade em relação aos exércitos de ocupação, os guerrilheiros evitavam o engajamento em combates decisivos, buscando normalmente conduzir ações de inquietação e emboscadas contra instalações policiais e colunas militares.

Muitas vezes, esses combatentes ocupavam abrigos subterrâneos altamente bem disfarçados e de difícil identificação, onde também conseguiam proteger-se das baixas temperaturas do inverno na região. As maiores unidades eram os *kurins*, equivalentes a batalhões e chegavam a ter 700 combatentes; e as menores frações eram semelhantes aos grupos de combate tradicionais, com o efetivo aproximado de oito a dez homens. Com o tempo, a estrutura foi-se sofisticando e foram criadas divisões territoriais e centros de treinamento e formação de oficiais e de combatentes de baixas graduações. Os armamentos utilizados eram os capturados ou desviados dos alemães ou do Exército Vermelho.

- A **Força Subterrânea** da UPA era integrada por pessoas que viviam nas cidades ocupadas pelos soviéticos ou nazistas com uma vida aparentemente normal. Entretanto, faziam parte de uma rede clandestina altamente sofisticada e organizada em células independentes, que realizavam falsificação de documentos, impressões de propaganda subversiva, assassinatos seletivos, transmissões rádios clandestinas e sabotagens de infraestruturas críticas.
- A **Força de Sustentação** era encarregada de realizar o apoio logístico clandestino para a Força de Guerrilha e a Força Subterrânea. Essa atividade era desenvolvida através da coleta de informações, determinados tipos de trabalho, como transporte, aquisição, desvio e distribuição de suprimentos, medicamentos, comida, armamentos, munição e rádios. Também poderiam

atuar como mensageiros e recrutar novos integrantes após confirmar seu real comprometimento com a causa.

Uma das principais características dos integrantes desse movimento de resistência era a segurança e sigilo nas comunicações, caracterizadas por senhas, contrassenhas, sinais de reconhecimento e mensagens pré-estabelecidas.

Após a capitulação dos nazistas, os soviéticos estimaram que a UPA poderia ter entre 180.000 e 500.000 integrantes e resolveram direcionar seus esforços contra essa força irregular. Como resultado, foram realizadas prisões em massa de suspeitos e suas famílias. Até 1955, ano em que a UPA foi extinta, foram feitas dezenas de milhares de prisões e assassinatos de líderes e colaboradores. Em resposta, os integrantes da força subterrânea da UPA atacavam dezenas de milhares de ativistas soviéticos, colaboradores do regime e suas famílias, e por isso eram chamados de terroristas pelos soviéticos.

Com a extinção da União Soviética e independência da Ucrânia, os veteranos sobreviventes da UPA passaram a participar de desfiles cívicos, os restos mortais dos principais líderes foram trasladados para o cemitério de Lychakivsiy, em Lviv, dedicado aos heróis da resistência, e foi criado um Estatuto Oficial dos Combatentes da Independência da Ucrânia, que abrange todas as pessoas que participaram dessas ações desde a década de 1920 até a extinção da União Soviética.

***Fernando Montenegro**, coronel veterano das Forças Especiais do Exército Brasileiro, é mestre em Ciências Militares, auditor do Curso de Defesa Nacional de Portugal, pós-graduado em Gestão e Direção de Segurança pela Universidade Autónoma de Lisboa, professor da Autónoma Academy, doutorando em Relações Internacionais e comentarista da CNN PORTUGAL. Foi oficial de inteligência da Unidade de Contraterrorismo do Exército Brasileiro, instrutor-chefe do Centro de Instrução de Guerra na Selva e comandante da ocupação dos Complexos do Alemão e da Penha. É coautor dos livros “Comando Verde”, sobre a ocupação dos Complexos do Alemão e da Penha, “Gestão de Riscos em Eventos do Século XXI” e “Kid Preto: Guerra Irregular e a evolução histórica das Operações Especiais do Exército Brasileiro”.
